

## **HETEROGENEIDADE DE NÍVEIS DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA ALFABETIZAR SEUS ALUNOS.**

**Bruna Guimarães Barbosa<sup>1</sup>; Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do Curso de pedagogia - CE – UFPE; E-mail: brunaguimabarbosa@gmail.com

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Depto de Métodos e Técnicas de Ensino – CE –UFPE. E-mail: aclaudiapessoa@gmail.com

**Sumário:** Esta pesquisa teve o objetivo de analisar como duas professoras do 3º ano do Ensino Fundamental desenvolveram atividades considerando a heterogeneidade de níveis de aprendizagem da escrita em sala de aula e o que elas dizem sobre suas estratégias para realização desse trabalho. Em busca de atingir nosso objetivo, realizamos 19 observações da prática docente, seguidas de 19 entrevistas no final das aulas. Os dados da pesquisa apontaram que as professoras realizavam atividades diversas em busca de garantir a consolidação do processo de alfabetização dos alunos, no entanto, com relação às atividades com foco mais específico no tratamento da heterogeneidade voltados para os níveis de escrita, há uma necessidade tanto da realização de um trabalho mais sistemático quanto de reflexão maior sobre esse tema. As docentes relatam que não é fácil desenvolver um trabalho com crianças com níveis de aprendizagem distintos. As estratégias que elas usam para lidar com a diversidade em sala de aula é dar uma atenção mais individualizada as crianças que estão em hipóteses menos avançadas de aprendizagem. Desse modo, percebemos que os professores têm dificuldade em desenvolver atividades diversas voltadas para as especificidades do nível de escrita do seu grupo classe.

**Palavras-chave:** alfabetização, heterogeneidade, nível de escrita

### **INTRODUÇÃO**

A discussão sobre a alfabetização em nosso país envolve questões desde a compreensão do que é estar alfabetizado até o que e como fazer para que as crianças estejam plenamente alfabetizadas ao concluírem as séries iniciais do ensino fundamental.

Durante muitos anos as discussões sobre o processo de alfabetização estiveram voltadas para o ensino centrando-se principalmente nas reflexões sobre qual seria o melhor método para alfabetizar. A partir da década de 80 as discussões sobre a alfabetização muda o foco da forma como se ensina para como as crianças aprendem. Ferreiro e Teberosky (1984) defendem que a escrita alfabética é um sistema notacional, e não um código, ou seja, ela é dotada de propriedades que regulam seu funcionamento. Assim, algumas questões precisam ser compreendidas pelo aprendiz: o que as letras notam? Como ocorre essa notação? (FERREIRO, 1985).

Durante o processo de construção do Sistema de Escrita Alfabética os alunos precisam descobrir os princípios que regem esse sistema (LEAL E MORAIS, 2010).

Morais (2012) nos alerta para o fato de que ter alcançado uma hipótese alfabética não é sinônimo de estar alfabetizado. Se já compreendeu como o SEA funciona, a criança tem agora que dominar bem as convenções som-grafia de nossa língua para que possa ler e produzir textos com autonomia.

Conhecer o desenvolvimento dos alunos é um passo importante para que o professor possa planejar um ensino eficaz de acordo com a necessidade de cada aprendiz.

É preciso ter clareza que os alunos reunidos em uma mesma sala de aula, embora tenham, geralmente, a mesma idade, não aprendem as mesmas coisas, da mesma forma e ao mesmo tempo. A heterogeneidade de conhecimentos dos alunos de uma mesma turma é, portanto, natural e inevitável, não precisando ser vista de maneira negativa ou como um obstáculo para o trabalho docente.

A construção de hipóteses sobre o funcionamento e os princípios do sistema alfabético de escrita, é um conteúdo que demanda procedimentos complexos por parte de quem aprende, e por parte de quem ensina. Um dos grandes desafios do professor alfabetizador é pensar em atividades significativas que levem os alunos a refletirem sobre os princípios, além de ter que atender a heterogeneidade da turma e relacioná-las ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

A interação entre crianças com diferentes níveis de conhecimento e de escrita em uma mesma atividade pode ser promotora de aprendizagens diversas e momento de construção de novas hipóteses por parte das crianças. Além de propor atividades diversificadas estas devem ser propostas em diferentes agrupamentos: coletivamente, em pequenos grupos ou individuais (LEAL, 2005).

Com base nessa discussão nossa pesquisa teve o objetivo geral de analisar as atividades desenvolvidas por professoras de 3º ano considerando a heterogeneidade de aprendizagem da escrita em sua turma e o que elas dizem sobre suas estratégias para realização desse trabalho. Como objetivos específicos pretendemos: identificar os eixos de ensino que foram contemplados pelos professores do 3º ano do Ensino Fundamental; analisar as estratégias utilizadas pelo professor que mais contribuíram para alcançar os objetivos propostos e verificar quais as estratégias que, segundo os professores, mais contribuem para atingir seus objetivos relacionados ao trabalho com a heterogeneidade.

#### **MATERIAIS E MÉTODOS**

Participaram dessa pesquisa 02 professoras do 3º ano de dois municípios do estado de Pernambuco que cursaram a formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Dentre os objetivos contemplados no PNAIC um deles está diretamente relacionado a esse subprojeto que é compreender a importância de organizar diferentes agrupamentos em sala de aula, adequando os modos de organização da turma aos objetivos pretendidos. Por essa razão, decidimos selecionar nossos sujeitos de pesquisa dentre os participantes desse programa de formação, por entendermos que a temática da heterogeneidade deve ter sido, pelo menos, minimamente discutida no processo de formação. Realizamos 19 observações de aulas das professoras e 19 mini-entrevistas após cada aula observada.

#### **RESULTADO E DISCUSSÃO**

Como já discutido anteriormente o processo de alfabetização é complexo e deve permitir que o aluno seja capaz de produzir e ler textos com autonomia. Assim, entendemos que, nesse processo, os eixos de ensino da língua portuguesa (leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística) sejam contemplados em sala de aula pelo professor. Nesse sentido, buscamos verificar como o trabalho com os eixos de ensino foi organizado e quais foram as facilidades e dificuldades encontradas pelas docentes na promoção de um trabalho que desconsiderasse a padronização do ensino, ou seja, situação em que os alunos não são vistos de forma homogênea em relação aos seus conhecimentos e seu tempo de desenvolvimento.

No quadro 1 analisamos como as professoras organizavam seu trabalho pedagógico de acordo com os eixos de ensino da língua portuguesa.



**Quadro1: Trabalho com os eixos de ensino pelas professoras 1 e 2.**

Professora 1										Professora 2										
Nº DE AULAS										Nº DE AULAS										
Eixo de ensino	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total: 19 aulas
Produção De texto	x							x	x											3
Oralidade						x		x												2
Leitura		x	x	x				x	x	x	x	X	x	x	x	x	x		x	14
Análise linguística	x								x	x										3

Observamos no quadro 1 um investimento maior no trabalho com o eixo da leitura, em parte isso pode ser justificado pelo fato de ser uma turma de 3º ano. Assim, as professoras investiam menos em um trabalho mais sistemático no eixo da análise linguística, principalmente no que diz respeito a reflexões sobre o SEA. Ressaltamos, entretanto, que apesar da maioria dos alunos da turma estar em processo de consolidação da alfabetização, alguns alunos ainda precisavam compreender o funcionamento da escrita alfabética, o que deveria demandar um olhar da professora para as especificidades da turma.

A partir do que foi posto até o momento é possível perceber que houve pouco investimento no trabalho dos diversos eixos de ensino, não proporcionando a realização de um trabalho integrado dos eixos.

No quadro a seguir iremos destacar como as professoras organizavam as atividades em sala de aula e de que forma foi realizado o tratamento da heterogeneidade.

**Quadro 2: Organização das atividades em sala de aula pelas professoras 1 e 2**

<b>Categorias / Aulas</b>	Professora 1	Professora 2
As atividades diversificadas tinham relação entre si	<b>3</b>	<b>2</b>
As atividades eram coletivas e dirigidas a todas as crianças	<b>2</b>	<b>2</b>
As atividades eram coletivas e dirigidas a determinados grupos de crianças	<b>0</b>	<b>3</b>
As atividades eram individuais e as mesmas para todas as crianças	<b>6</b>	<b>7</b>

Analisando o quadro acima podemos observar que o que predominava nas aulas das docentes eram as atividades individuais sem diversificação. Esse fato evidencia que, na maioria dos momentos, não havia uma preocupação com as especificidades de aprendizagem da escrita das crianças.

Nesse sentido, era possível perceber momentos de ociosidade das crianças que ainda não dominavam o SEA. Era frequente nas observações percebermos que as crianças em nível pré-silábico ou silábico simplesmente desistiam das atividades e ficavam

desocupadas a maior parte do tempo por não conseguirem desenvolver as atividades propostas, esperando, na maioria das vezes, a professora corrigir para anotar as respostas.

Apesar de não observarmos um trabalho efetivo com heterogeneidade por parte das professoras, nas entrevistas elas informaram que esse tipo de trabalho era realizado, apesar de relatarem que era um trabalho difícil de ser realizado. A partir desse momento discutiremos os dados coletados nas entrevistas.

P1 demonstrou reconhecer que para ensinar as crianças a lerem é preciso realizar atividades diversificadas e que atendam a diferentes finalidades. A seguir podemos observar essa concepção em um trecho de entrevista da professora sobre heterogeneidade:

Pesq: Como a senhora planeja para uma turma heterogênea?

P1: Eu busco levar em consideração as particularidades de cada aluno...Até porque o 3º ano é o ano do ciclo que é mais cobrado...porque os alunos chegam aqui...sem saber de nada...e a gente tem que se virar nos 30, como diz a história, pra dar conta de tudo... O meu planejamento é baseado sempre pra que eles avancem e consigam chegar alfabetizados no final do ano pra serem aprovados...

Ante a heterogeneidade do grupo/classe com o qual trabalhava, a professora 1 fazia uma opção consciente pelo direcionamento preferencial às crianças com maiores discrepâncias de aprendizagem. Opção esta que se concretizava em diferentes encaminhamentos na prática pedagógica.

Segundo o caderno do ano 03, da unidade 07 do Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, “em todos os tipos de situações é importante decidir sobre agrupamentos, de modo a garantir que todos os alunos estejam pensando a respeito do SEA”. (BRASIL, 2012, p.22)

Em relação às estratégias que podem ajudar no trabalho com heterogeneidade P2 informou que tende a tomar a leitura individual daqueles que têm mais dificuldade e a acompanhar mais de perto os cadernos.

Ambas as professoras priorizavam um trabalho individual com os alunos que ainda não dominavam o SEA e não realizavam muitas atividades explorando agrupamentos diversos, o que talvez explique a dificuldade maior em dar conta do trabalho com a heterogeneidade.

Observamos ainda uma atitude das professoras no acompanhamento das crianças em hipóteses mais iniciais de escrita, esquecendo-se que aquelas que estão em hipótese alfabética também precisam de atividades desafiadoras para que possam continuar avançando

## CONCLUSÕES

Nossa pesquisa aponta que trabalhar com a heterogeneidade em sala de aula ainda é um desafio para as professoras. Percebe-se que as duas docentes apresentaram poucos trabalhos voltados para a heterogeneidade, evidenciamos tanto nas práticas das docentes quanto nas entrevistas que elas não lançavam mão de muitas estratégias para lidar com a situação. A pesquisa evidencia a necessidade da realização de mais momentos que promovam reflexões sobre o tema, a fim de contribuir com à prática do professor.

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e ao Ministério da Educação, principais órgãos de fomento dessa pesquisa. Agradeço a Deus por me conduzir, a minha orientadora pela oportunidade e dedicação.

## REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: ArtesMédicas, 1984.

LEAL, Telma Ferraz. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, Artur Gomes.; ALBUQUERQUE, Eliana. B. LEAL, Telma. F. (Orgs.) **Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de. O aprendizado do sistema de escrita alfabética: uma tarefa complexa, cujo funcionamento precisamos compreender. In: LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correa; MORAIS, Artur Gomes de. **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.